EXPEDIENTE.

Os versos, intitulados *A Paixão do Redemptor*, só nos vieram á mão depois de impresso o numero precedente, a cuja semana pertenciam: razão unica por que os não publicámos.

# CONHECIMENTOS UTEIS.

## INSTRUCÇÃO PARA CULTORES DE BATATAS.

4058 Não ha portuguez mais sinceramente empenhado em promover com as suas muitas luzes a prosperidade da nossa terra, do que o nosso infatigavel collaborador, o Exm.º Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão. Não ha objecto algum util a que elle não applique o seu estudo e o seu ingenho amadurecido e guiado pela sciencia. Ao mesmo tempo que emprega as poucas horas que lhe ficam livres dos seus deveres publicos em alvitrar os beneficios, que mais urgentes se lhe representam á nossa industria, á navegação dos nossos rios, á hospitalidade de nossos portos, e outros assumptos como estes collossaes, applica ainda a sua attenção e a sua ancia innata de instruir e bemfazer, a outros objectos de mais humilde apparencia, mas que por exequiveis ás forças particulares se podem tornar egualmente de grandissima importancia.

A academia real das sciencias de Lisboa acaba de publicar, já com data d'este anno, um importante opusculo d'este auctor intitulado MANUAL PRATICO DA CULTURA DAS BATATAS *e do seu uso na economia domestica, colligido dos melhores agronomos francezes e inglezes, e seguido de algumas observações praticas do auctor, para melhor conhecimento dos nossos agricultores pelo* VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO, *socio effectivo da Academia Real das Sciencias e director da classe das sciencias naturaes.* Quarto, 99 paginas de impressão; cujo indice é o seguinte:

Cap. I. art. 1.º Divisão das batatas. Art. 2.º Descripção d'uma nova variedade de batatas. Art. 3.º Analyse das batatas. Art. 4.º Variedades conhecidas na provincia de Tras-os-Montes, principalmente no destricto de Villa-Real. Cap. II. art. 1.º Terreno proprio para as batatas e sua cultura. Modo de dispor e cultivar as batatas. Art. 3.º Maior desenvolvimento da materia antecedente. Art. 4.º Cultura das batatas depois de nascidas. Cap. III. art. 1.º Modo de colher as batatas. Art. 2.º Modo de conduzir as batatas para as tulhas e de as conservar nellas. Cap. IV. art. 1.º Da sementeira das batatas e das suas utilidades. Cap. V. art. 1.º Emprego das batatas na economia domestica. Art. 2.º Polenta de farinha de batatas e de milhão para fazer frituras. Art. 3.º Pão de batatas. Art. 4.º Extracção do amido ou fecula das batatas. Art. 5.º Fermento das batatas para pão. Art. 6.º Colla de batatas para pintura interior das casas. Art. 7.º Modo de lavar a roupa com batatas em logar de sabão. Art. 8.º Modo de fabricar em grande a farinha de batatas para usos cibarios. Art. 9.º Modo de pellar e esmigalhar as batatas. Art. 10.º Modo de fazer a estufa (para seccar e preparar as batatas depois de cosidas) Art. 11.º Vantagens que se podem tirar da farinha das batatas. Art. 12.º Extracção da agua-ardente das batatas. Cap. VI. Das doenças das batatas, e dos animaes e insectos, que lhes são nocivos. Art. 1.º Esterilidade. Art. 2.º Lepra. Art. 3.º Languidez, ou Tisica, ou Phylosystrophia. Art. 4.º Pustula sarnosa. Art. 5.º Animaes nocivos. Art. 6.º Insectos nocivos.

Certos nos desejos perpetuos da Academia, symbolisados no seu mote *nisi utile est quod facimus, stultas est gloria*, nós trasladaremos para esta folha (para que mais se vulgarisem) alguns dos trechos praticos d'este opusculo; tanto mais recommendavel quanto o que o auctor nos ensina, não é só compilado de obras estrangeiras estimaveis, mas, em grande parte, fructo da sua experiencia agronomica de muitos annos n'uma provincia, aonde as batatas, que lhe estão sendo mais da metade do pão do povo, foram introdusidas e generalisadas pela casa do illustre escriptor: e porque é um exemplo honroso e digno de ser conhecido commemoremos aqui que á Exm.ª Sr.ª D. Theresa Luiza de Sousa Maciel, mãe do nosso escriptor, conferiu a mesma Academia Real das Sciencias em 1798 o premio de uma medalha de oiro, « em attenção a ter colhido « para cima de quatrocentos alqueires de batatas de « terreno a maior parte inculto em o sito de Villari- « nho de S. Romão, onde fôra a primeira a introdu- « sir este ramo de agricultura, a ter descoberto um « modo facil de conservar as batatas pelo tempo de um « anno sem corrupção, a ter achado um modo de ex- « trair d'ellas uma excellente gomma e a ter ajuncta- « do aos mais documentos uma descripção da sua cul- « tura. «

A' pessoal benevolencia do auctor para comnosco devemos o podermos offertar por este escriptorio 50 exemplares da dicta obra a outros tantos subscriptores da Revista. Esta distribuição não podendo abranger a todos será feita á sorte.

## MODO DE COZER PROMPTAMENTE OS GRÃOS DE BICO.

4059 LE-SE no jornal de *Utilidade Publica* de 24 do corrente uma carta assignada pelo Sr. M. B. F. Claro da Silva e Sousa, da qual transladamos o seguinte.

» Ampliamos a receita da collega *Revista* sobre o cozer do grão de bico, dando-lhe uma receita de cosinhal-os no mesmo instante em que vem da tenda, com os mesmos felizes resultados, que expressa o Sr. padre Almeida.

Em um alguidar lancem quanto querem cozinhar de grão de bico; cubra-se o alguidar com toalha limpa, e sobre esta se lance quantidade de cinza: tome-se agua fervente, lance-se sobre a cinza, em quantidade que cubra o grão depositado no fundo do alguidar: deixe repousar tudo por cinco ou seis minutos; tire-se depois o panno com a cinza. O grão estará já brando e macio; então se esfrega fortemente á mão, a casca sae; vaza-se a agua cinzada; lavam-se novamente em outra agua fervente, e metem-se na panella em que hão-de ser cozidos, devendo esta conter a devida porção de agua tambem fervente, quando se infundir o grão preparado. Não se lhe meta colher em quanto não estiverem promptos, aliás encruam. »

## BALSAMO PARA FERIDAS.

4060 NA mesma supracitada carta *do Jornal de Utilidade Publica* se lê: —

» Sobre o balsamo para feridas, tanto a *Revista* como V. S.ª fariam grande serviço á humanidade, se novamente publicarem a dicta receita, porque sendo tão facil, e barato, pessoas caridosas haveria, que se provessem d'elle para soccorrerem seus similhantes em casos extraordinarios, como ha pouco succedeu n'esta cidade: á porta d'uma botica, que não mencionamos de acinte, se esgotava um carreiro, que caira do seu carro abaixo, pedindo pelo amor de Deus cura á sua brecha, a que o boticario respondia « — não quero multas, procure cirurgião

a lei não permitte que eu cure, nem ainda que venda o remedio. — Tres horas eram passadas, e ainda o desgraçado não sentia a mão de facultativo. Ignoramos o que succederia a este desgraçado; e estamos assaz convencidos que d'entre os visinhos circumstantes, que olhavam com horror esta scena, se algum possuisse o dicto balsamo, faria esta obra de acrysolada caridade, e de que tantos exemplos nos deu o salvador do mundo.

Por via de V. S.ª mimosearemos tambem a desvellada collega com o curativo de chagas putridas, e cavernosas por modo simples, e barato, á proporção que nosso muito appensionamento nos permitta pegar na penna, pois que temos deliberado, que os momentos do nosso repouso sejam empregados em beneficio do publico que servimos. »

Obedecemos aos desejos do Sr. M. B F. Claro da Silva e Sousa reimprimindo o nosso artigo 106 do numero de 28 de octubro de 1841. Eil-o aqui: —

*Remedio para golpes e cortaduras.*

« Toda a boa mãe de familias, e mais ainda as « do campo que as das cidades, folgam de ter em « sua casa de prevenção alguns especificos prova- « dos para um caso de aperto. Ora pois o que lhes « agora vamos ensinar, deve ter na botica do- « mestica um dos primeiros e mais honrados lo- « gares. Ha annos que se elle usa em algumas ca- « sas da provincia da Beira, e por nós podemos « dizer, que lhe vimos surtir os melhores effeitos.

« Colhem-se nos primeiros dias da primavera, « e quanto ser possa frescos e viçosos, os olhos « ou rebentinhos novos dos carvalhos; infundem- « se em boa aguardente de vinho, arrolha-se, « lacra-se, e arrecada-se. Quando se tem golpe « ou cortadura, por mais grave que seja, molham- « se fios n'este liquido, põem-se sobre a ferida « depois de lhe unir os labios, e então se pre- « sencêa, o de que nós mesmos por muitas vezes « fomos testemunhas, uma cura por tal arte ra- « pida, que mais parece repentina e milagro- „ sa.»

---

**CAUTELLA CONTRA A HIDROPHOBIA.**

*(Communicado.)*

4061 Apenas se capitula por damnado um cão por ter mordido em alguem, matam-n'o, ou fasem todas as diligencias para isso; — não é acertado; o que se deve é procurar segural-o e prendel-o onde não possa fazer mal e onde o fiquem observando, para se averiguar se com certeza está ou não derrancado.

Todavia a pessoa mordida deve sempre começar a tractar-se desde logo, cortando a parte mordida, sangrando-se no braço, tomando banhos muitos dias a eito, esfregando com mercurio as extremidades inferiores até excitar a salivação, tomando algumas bebidas aciduladas, e observando uma dieta fresca, humida e laxante.

Os cães atacados da hydrophobia devem ser mortos antes que principiem a propagal-a e para isso bom é que todos saibam os symptomas por onde se pódem conhecer.

O cão hydrophobico ao principio anda abatido, não quer comer nem beber; anda como cego, a esbarrar pelas paredes; traz o rabo entre as pernas; não conhece o dono, não ladra; corre atraz dos outros animaes mas sem lhes morder, e deita da goéla um liquido amarellado mas em pequena quantidade.

Depois que o mal se entra a aggravar, não só desconhece ao dono, mas quer-lhe morder; cambalêa, cae, torna-se a alevantar; forceja por ladrar e não póde; escorre-lhe continuamente da bocca uma baba viscosa e nojenta. Finalmente logo que vê qualquer liquido toma-se de furia.

Estes últimos signaes são infalliveis; em elles apparecendo é matal-o seja como fôr; e o melhor será não esperar para tão tarde.

Todos estes avisos são uteis, mas convem não perder nunca da memoria o remedio para damnados já proposto e tantas vezes repetido na *Revista*; assim como por esta occasião nos parece apropositado pedirmos á nova camara municipal, que para tornar mais facil e prompta a extincção dos cães perigosos, só perdoe áquelles que tiverem dono, e esses os obrigue a pagar tanto por cabeça para as despezas do municipio: nas cidades mormente são os cães artigo de luxo, e quem quizer ter luxo, e luxo que consome pão e carne, pague-o: e assim concorrerá para se realisarem muitas obras uteis a que por falta de dinheiro se não chega.

---

**CONCERTO DE LOIÇA.**

*(Carta.)*

4062 Annuindo ao que se me pede no artigo 4018, com muito gosto me promptifico a dar todas as explicações das receitas do artigo 3900, para concertar loiça; afirmo novamente, que, as que experimentei, produziram o mais satisfatorio resultado.

Indicarei o modo de as fazer e o methodo de uzar dellas. O modo de preparar a primeira formula consiste, em deitar dentro d'um almofariz de pedra, ou então n'uma pedra de moer tincta, uma pequena quantidade de oleo graxo de linhaça e ir-se junctando o alvaiade, e as fezes d'oiro, contundindo a massa com a mão do almofariz, ou com uma espatula forte, se for feita na pedra até adquirir uma consistencia mais para dura do que molle. Para se fazer uso desta massa basta untar com ella as duas ou mais partes quebradas e unil-as, apertando-as e depois atar-lhes uma corda para assim se pôr a seccar, e ficarem adherentes.

A segunda composição é sem duvida muito boa para loiça, que não vá ao fogo: todavia póde-se concertar com ella loiça, que leve agua a ferver sem que se torne a descollar. Prepara-se deitando n'uma vazilha, que esteja mergulhada n'outra que contenha agua a ferver para assim se derreter brandamente a terebintina e a gomma laca sem se queimarem pelo muito calor, principalmente se fôr pequena quantidade, ou então a fogo muito brando. Depois de derretido deita-se para formas cylindricas que poderão ser de folha, untando-se por dentro com oleo commum para que o betume não se lhe pegue. Quando se quizer concertar a loiça, aquecem-se muito bem as duas partes quebradas, e depois de aquecer tambem o páuzinho do betume untam-se as duas partes, tornam-se de novo a aquecer, e unem-se rapidamente apertando bastante.

A terceira e quarta composição prepara-se do mesmo modo que a primeira, e egualmente se emprega. Advertindo porém que a quarta secca em muito menos tempo e adquire a mesma solidez, que as outras.

A razão por que o auctor do artigo não tirou bom

desultado da dita composição só se póde attribuir a rous motivos: o primeiro porque o tempo que decorreu para a secura foi muitissimo diminuto e principalmente no inverno que o sol (quando o ha) é muito fraco: o segundo porque a agua quente deitada n'uma vasilha concertada com o betume que mencionou, e junctamente com o pezo do liquido, amolece, e immediatamente abrirá (não estando completamente secco); accrescendo a isto tudo o ter-lhe ficado a massa muito molle.

Todavia para se conhecer se a massa está completamente secca, basta cravar a unha: e ficando n'ella gravada se conhecerá que o betume não está bem secco.

Parece-me que tenho satisfeito á pergunta do estimavel assignante; mas estou prompto para esclarecer ainda mais se fôr mister.

*Izidoro José Gonçalves.*

---

## OBRAS PUBLICAS.

*Melhoramentos utilissimos, que se devem faser na Bahia de Sines.*

4063 Eu reconheço que nenhuma nação póde fazer ao mesmo tempo todos os melhoramentos que precisa nas estradas, nos rios navegaveis, e nos portos de mar; reconheço tão bem que os projectos já lembrados, e dos quaes algumas companhias, se tem incarregado, ou estão solicitando, excedem talvez, o justo lemite, e as forças dos subsidios publicos com que o estado os póde auxiliar; — mas estas obras de Sines podem-se faser sem que dos cofres publicos se dispenda um só real, e sem prejudicar as rendas do mesmo estado; porque das mesmas obras ha-de infalivelmente nascer um novo rendimento, que se póde applicar por espaço de alguns annos ao seu pagamento: n'estes termos o publico nada dispende directamente, antes pelo contrario lucrará muito, como provarei depois de explicar o meu plano.

A bahia de Sines demora entre o cabo Sines e o Ilhote do Pecegueiro, tem de comprimento de norte a sul nove milhas; forma uma grande escada desde a ponta de terra em que está edificada a egreja de Nossa Senhora de Salles, até outra ponta de rocha denominada — o Pontal; — d'ahi por diante segue-se a praia rasa e quasi direita, denominada de S. Tórpes; em fim entre o Ilhote supradicto e a terra firme, ha um estreito canal de duas a tres braças maritimas de profundidade, que tem o fundo de rocha. Na enseada ha bom fundo de arêa, e na distancia de uma milha ao sul da villa dão as sondas nove, — dez, — e quinze braças, e logo augmenta a profundide consideravelmente. Depois do Pontal e a S. d'elle desagoão alguns regatos muito escaços de agua no verão: toda a bahia fica aberta aos ventos de sudoeste, e não tem abrigo nenhum senão para uma bateira e coisa de oito ou nove artes de pesca muito pequenas, que se recolhem a uma estreita colheta existente na ponta de terra da Sr.ª Selles Porto-Covo, no fim da praia de S. Tórpes, quasi em frente do Ilhote, é outra calheta em que pódem entrar nas marés de cheio os barcos de pequena carga que não demandarem mais de seis a septe pés de agua, e de facto alli entram para carregar carvão; pois é o que rendem as terras circumvesinhas, apesar de serem algumas muito ferteis e poderem dar optimas cearas: A denominada fortaleza ou castello de S. João de Sines, acha-se a 37.° 57', 5'' de latitude e — a 0.° 15.' 8'' de longitude oriental. No Pontal havia uma bateria bem colocada; mas incapaz de fazer a mais leve resistencia por falta de parapeitos e de outras obras necessarias; os seus fogos deviam cruzar-se com os do castello e com os de outra bateria projectoda (e não realisada), que devia haver na ponta de Salles: se tudo fosse bem feito, estes denominados fortes, podiam defender a enseada fronteira à villa: mar a praia de S. Tòrpes precisava tão bem de obras de fortificação que a defendessem. E' importantissimo este porto de mar, e se alli se fisessem as obras necessarias para abrigar os navios de commercio, e os barcos de pesca, toda aquella parte do litoral receberia o sopro da vida que lhe falta; immensas terras ferteis, que só produzem choça para carvão, seriam cultivadas, e todo o paiz cultivado desde a Mesejana até Beja, e desde alli até á serra de Monchique acharia o consumo para os seus productos da agricultura no infalivel augmento da população devido ao commercio, e ás pescarias que de repente se veriam crescer e prosperar; digo de repente; porque viriam logo pescadores de Setubal, e do Algarve aproveitar-se do novo porto e d'aquella formoso praia de S. Tórpes, continuamente visitada por immensas columnas do peixe de emigração que alli passa todos os annos durante as suas viagens para o mediterraneo (*), e seu regresso para o mar do Norte: eu vi algumas d'estas columnas que tinham de extensão mais de tres legoa, e que gastavam tres e quatro dias na passagem. — Ví tão bem um pequeno rancho de rapazes de septe a dez annos de edade sem ter mais nada que um mesquinho pano de rede feito de pedaços que os pescadores deitavam fóra por inuteis, e que elles coseram com esparto, deitarem-se a nado, cortarem as columnas do peixe e arrastarem para terra seis canastras d'elle de um só lanço: tanta é a sua abundancia!..... E será possivel acreditar que nos faça Neptuno estes presentes e que nós os despresemos? Infelizmente é uma verdade!..... Tudo lembra nas côrtes; mas esquecem as pescarias. Ora bem, se os pescadores não lembram lembrem ao menos os interesses do paiz, lembre este ramo de industria tão productivo, como provam os avultados direitos que está pagando, lembre ainda pela consideração de ser um viveiro para a marinha mercante e de guerra; e lembre mais por nos dar um genero de exportação que se póde tornar muito conside-

---

(*) A aguas do mar tem duas correntes geraes a saber: a 1.° que é a da primavera, corre do norte para o sul, e por ella vae arrebatado o peixe, chamado, de emigreção, aproxima-se das praias, para mariscar, e porque outra corrente constante, e permanente das aguas dictas, que vem sobre as costas occidentaes d'este reino, o força a isso mesmo. = A 2.° corrente geral, principia em agosto, e corre do sul para o norte é a corrente do estio, e torna a trazer o mesmo peixe emigrante outra vez pelas nossas praias. O dicto peixe, levado pela corrente da primavera, entra no mar mediterraneo pela lado da Europa, e achando alli aguas quentes e baixas desova e faz a sua creação. Acabada ella sobrevem a corrente do estio, que entra no mediterraneo pelo lado da Africa, e por isso arroja as aguas de despejo do sobredicto mar sobre as costas da Hespanha, e de Portugal, e n'llas vem o peixe desovado, que é muito inferior na qualidade, vem magro e doente, principalmente as femeas, apodrece com facilidode, e por isso os pescadores do Algarve lhe chamão — peixe de má morte. — Não é pois o instincto animal que conduz o peixe emigrante, e a Divina Sabedoria, que ordenou coisas tão admiraveis.

ravel; porque a naturesa nos tractou com especialissimo favor, pegando nas riquesas do occeano e arrojando-as sobre as nossas praias. As pescarias não pódem prosperar entre nós, sem que se melhorem os portos; porque sem barcos não se póde pescar, e os barcos não pódem conservar-se aonde não houver abrigos a que se recolham, quando ha tormentas: tenho mostrado as vantagens que pódem resultar do melhoramento da bahia ou enseada de Sines, direi agora como se devem faser.

Desde a ponta de Salles até á distancia de coisa de duas amarras, correndo de norte para sul, ha um recife de lavas vulcanicas ou basalto, que fica a descoberto na baixa-mar, e que parece mesmo um principio de muralha, de fórma tal que não é preciso mais nada do que elleval-a arteficialmente d'alli para cima até vinte e cinco palmos de altura. Por detraz d'este recife ha tão bem muitas rochas dispersas da mesma lava, que facilitão muito a formação de uma escarpa necessaria para infortalecer a muralha ou dique; pois alli o mar é fortissimo, e convem quebrar-lhe a furia offerecendo-lhe uma rampa dilatada, que não deve ter menos de cento e sessenta palmos de base. Esta rampa é pouco dispendiosa; pois basta bem que seja uma pilha de grossas pedras, deitadas a fundo perdido até saírem fóra da agua, e d'ahi para cima toda a qualidade de pedra dura serve, e póde-se deitar a monte sem ser assente, nem gastar cal; porque o mar bem depressa encherá de arêa, e conchas todos os vasios e formará uma rocha solida em menos de vinte annos. Antes d'isso melhor lhe quebra a furia um plano inclinado cheio de pontas salientes do que se fosse liso. Todas aquellas praias e terrenos adjacentes tem muita pedra, facil de quebrar e conduzir, e até se encontra muita cortada e solta pelo trabalho do mesmo mar e das chuvas.

O fundo jazente desde o recife até ao castello precisa de ser rebaixado quanto baste para os navios não tocarem com a quilha em maré vasia, desde a colheta de Senhora de Salles até juncto da villa é preciso faser um caes ordinario. Com estas obras já se podem abrigar cincoenta embarcações de pesca, junto do caes e presas n'elle, e coisa de dez navios, juncto do dique, presos tão bem a elle, e defendidos dos embates com antenas, como se uza no Porto. — O canal que jaz entre o Ilhote do pecegueiro e terra firme, é preciso tapal-o do lado do poente com o outro dique, feito a fundo perdido, isto é uma pilha de pedras grossas, sem nenhum assento mais, do que aquelle natural que por si mesmas tomarem; pois como o fundo é de rocha, e o dicto Ilhote lhe serve de testa do mar, fica assim seguro e os mariscos, arêa, e conchas ligaram as pedras umas ás outras, em pouco tempo. — O sobredicto Ilhote é propriissimo para se n'elle estabelecer uma fabrica de extracção de azeite de paixe, e para esfolar as tintureiras e cações, afim de approveitar as pelles: fica distante da villa, tres leguas, e por isso os miasmas já não pódem causar-lhe damno algum. Com esta obra do dique, forma-se alli outro abrigo para algum navio que se veja obrigado a fundear, e tão bem para os barcos de pesca, e de cabotagem quando houver temporaes do sul. Todas estas obras, calculei eu, (no supposto de serem muito bem feitas) em oitenta contos de réis; mas não incluo n'esta despeza a escavação do abrigo juncto do primeiro dique, acima indicado; porque não tinha dados nenhuns, em que me fundasse.

Mas se tudo custar noventa contos de réis, podesse dar aos empresarios, que fizerem tão util obra, os seguintes meios de pagamento. 1.° Todo o rendimento liquido de uma nova alfandega, que alli se estabecer; 2.° os direitos do ancuradouro; 3.° os direitos da pesca, e tudo pelo tempo necessario, para pagar um juro de dez por cento, e amortisar o capital dispendido, obrigando-se porém os empresarios, a faser as obras dentro em tres annos, a conserval-as com os reparos necessarios por trinta, e entregal-as no fim d'elles, inteiras e reparadas no bom estado que fôr esitpulado no contracto.

Estes direitos não desfalcam as rendas publicas; porque actualmente não existem, salvo alguma insignificante quantia, que possa render a pescaria alli existente, de uma armação para peixe branco; mas esse desfalque bem compensado, fica pelos lucros indirectos do augmento da agricultura e de população.

Nem a presumida derivação de barcos de pesca de Setubal e do Algarve póde causar prejuiso ás rendas publicas; porque se elles para alli forem, outros novos os substituiram, visto que não ha falta de capitaes, ha sim de giro e de emprego d'elles: o pobre pescador, que lucta com as ondas, não é o dono das artes nem das redes ordinariamente; mas sim outras pessoas que tem dinheiro, e vivem dos lucros obtidos com ellas; por conseguinte, melhorem-se os portos, as bahias e as enseadas, em que póde haver pescarias que logo alli appareceram essas artes e essas redes; nem tão bem se diga haver falta de pescadores; pois que no anno de 1824, em que estive no Algarve soube que andavam mais de quatro centos marinheiros algarvios a serviço da Inglaterra, por não acharem em que ganhar a vida na sua patria. Estas obras, de que me tenho occupado, são muito mais uteis, do que as novas estradas, e deviam precedellas; aliás, essas essas estradas, (tão apregoadas) crearam mato e hervas por faltas de passageiros, e a nossa agricultura retrogradará, por não terem consumo os seus productos.

Lisboa 21 de março de 1845.

*Visconde de Villarinho de S. Romão.*

---

## CAIXAS ECONOMICAS.

4064 Ao PHILANTROPICO zelo e illustradissima actividade do Sr. JOSÉ AUGUSTO BRAAMCAMP e de seus Consocios na *União Commercial* deve este reino o vêr já hoje florente e fructifera a arvore ainda hontem n'elle plantada, a arvore da vida do povo, a denominada CAIXA ECONOMICA CENTRAL.

Recommende-se aos parochos, aos paes de familias, aos cabeças de quaesquer estabelecimentos, aos commandantes de corpos, e em geral a todos, a leitura do folheto que o mesmo Sr. Braamcamp acaba de publicar com o titulo de *Relatorio e Estatistica da Caixa Economica Central durante o 2.° semestre de 1844: apresentado á assembléa geral dos accionistas da Companhia União Commercial.*

E' uma succinta e rigorosa exposição de factos, mais poderosa só per si para convencer e persuadir do que todos os discursos, fundados em theorias ou em alheias experiencias. Temos que é servir, não levemente, ao commum proveito, copiar para aqui este curto relatorio, deixando unicamente de fóra, por outra coisa

nos não consentir o espaço, os mappas que os leitores encontrarão no folheto, cuja leitura novamente e instantissimamente recommendamos.

RELATORIO.

«Ainda é por ora mui recente a creação da Caixa Economica fundada n'esta capital pela Companhia — *União Commercial*, — no entanto a consideravel afluencia de depositantes, e a importancia do capital recebido já se prestam a uma analyse, que talvez não nos seja inteiramente destituida de interesse.

Depois de elaborados com a maior circumspecção os respectivos estatutos, e havendo-se recorrido a todos os meios de publicidade, já invocando o apoio da imprensa, já sollicitando para o mesmo fim os chefes de todos os estabelecimentos, quer publicos, quer particulares, e geralmente todas as pessoas a quem a sua posição, e luzes designavam como defensores naturaes d'esta nova doctrina, a Caixa Economica começou a funccionar no domingo 30 de junho de 1844. E' nobre e elevado o pensamento que presidiu á sua criação, é franca e sincera a linguagem com que se apregoa a sua benefica influencia.

Não se considere o novo estabelecimento como uma simples operação financeira, a respeito da qual a Companhia possa contar não só com lucros seguros, mas tambem consideraveis; elle é mais do que tudo uma cousa de credito, e como que um principio fertilisador que deverá facultar-lhe o desinvolvimento de profundas, e abundantes raizes. Mas as vantagens da Caixa Economica a ninguem interessam mais do que ás classes industriosas para quem é destinada; estas devem aceital-a como um beneficio incalculavel.

Em todos os paizes da Europa estão colligados os mais distinctos caracteres, as mais provadas capacidades para assegurarem o triumpho de uma instituição, a qual ao mesmo tempo que prende com as elevadas considerações da politica dos governos, vae diffundir o bem estar e a moralidade até ao misero aposento do proletario.

O resultado de todas as diligencias empregadas para derramar o conhecimento das vantagens da Caixa Economica foi aquelle que aguarda todas as emprezas uteis, quando dirigidas com verdade, e convicção. Uma annuencia geral correspondeu a este chamamento, e a Caixa, que havia começado debaixo dos melhores auspicios, não tem visto senão augmentar constantemente o seu credito, e afluir ao seu modesto escriptorio individuos de todas as classes da sociedade.

Os mappas anexos a este relatorio comprovam a verdade d'esta asserção, demonstrando com a maior clareza o seguimento de todas as operações que tiveram logar até ao fim do anno passado: 654 individuos, sendo 451 do sexo masculino, e 203 do sexo feminino, e alem d'estas 4 sociedades legalmente constituidas, depositaram em 1411 entradas a somma de rs. 80:017$700. O mappa n.° 1 mostra não só a parte que n'estes depositos pertence a cada uma das dez differentes classes em que pareceu conveniente dividir os depositantes, mas tambem o numero de individuos de um, ou outro sexo que figura em cada uma das classes, e finalmente o numero, e a importancia das suas entradas por mez. O mappa n.° 2 contém o resumo de todos os pagamentos na importancia total de rs. 12:196$195, conhecendo-se de um só golpe de vista, conservada a mesma divisão de classes e de sexos, o numero, e a importancia das restituições effectuadas quer por conta, ou por saldo dos depositos, quer a titulo de juros. O mappa n.° 3 serve para assim dizer de complemento ao primeiro, classificando todas as contas correntes na ordem da sua importancia; e a combinação de ambos elles dá uma tão exacta noção de tudo quanto póde interessar, que equival quasi ao conhecimento de cada uma das entradas ainda das mais diminutas; este mappa tambem serve para mostrar qual foi no dia 31 de dezembro do anno passado o verdadeiro estado da Caixa pela importancia de cada uma das contas em debito com o addicionamento dos respectivos juros até ao referido dia. Finalmente o mappa n.° 4 contém o termo medio das differentes entradas, e restituições; e a proporção em que estão uns para com os outros os diversos elementos de toda esta estatistica. O termo medio do capital pertencente a cada depositante é de rs. 121$607; o termo medio das entradas foi durante estes seis mezes de 57$709, e o das restituições de 111$228, os quaes já pódem supportar a comparação com os limites que se observam na cidade de París, que são pouco mais ou menos no primeiro caso rs. 128$000, no segundo 28$400, e no terceiro 81$000. E' escusado insistir na analyse de todos os dados que encerram os referidos mappas, porque são obvias as considerações que d'elles se derivam, sendo a mais saliente, que as duas classes de operarios, e criados, já figuram em relação a todas as outras reunidas na proporção de 9 por cento quanto á importancia dos depositos, e de 19 por cento quanto ao numero dos depositantes. Similhante resultado é seguramente mui importante, e dá-nos a certeza de que este estabelecimento não tardará em realisar todas as vantagens que lhe são inherentes.

Foi na verdade geral o brado que se levantou a favor da sua creação; poucas tentativas ha que em nossos dias tenham ferido mais fortemente todos os espiritos. Parece que um grande remorso punge a geração actual, lembrada do pouco que até agora se tem feito para a educação do povo portuguez, e dir-se-hia que ella antevê na introducção das Caixas Economicas um meio de morigeração tão efficaz quão expedito, e apropriado a todas as edades.

Todavia por entre tantos votos de sincera approvação surgem duas idéas que inspiram alguns receios aos animos nimiamente cautelosos; uma fundada na latitude que se tem facultado para as entradas de cada depositante, outra acerca da completa segurança que deve garantir a restituição de depositos de similhante natureza. Tem sido pratica invariavel não permittir que depositante algum seja credor por mais de rs. 500$000. Uma tão minuta quantia não é seguramente excessiva como capital, e talvez convenha até estabelecer um maximo mais elevado; o que se deverá porém determinar de futuro é que não haja a faculdade de preencher esse maximo senão por meio de entradas successivas muito menores, e em prazos determinados. Ninguem ignora que este é o verdadeiro espirito da instituição, mas reputou-se necessario o tolerar por agora as entradas maiores a fim de attrahir tambem as classes superiores, e conseguir que o exemplo d'estas, mais persuasivo do que quaesquer admoestações, haja de arrastar aquellas para quem são destinadas as Caixas Economicas. ¿E porque razão seriamos nós mais privilegiados do que todas as outras nações, attingin-

do desde o principio a méta da perfeição da qual tanto lhes tem custado a approximar-se? Ahi estão os documentos respectivos a todos os outros estabelecimentos que atestam a marcha vagarosa com que as classes inferiores, avultando pouco ao principio, foram gradualmente obtendo vantagem sobre as outras, já no numero dos depositos, já na sua importancia.

A applicação das quantias depositadas, e a garantia do seu embolso é a consideração capital n'esta materia. Para obter o emprego de sommas que tendem a ser consideraveis, sem as sujeitar ás fluctuações do preço dos fundos publicos, era mister interpor uma firma commercial que pelos seus recursos ordinarios estivesse sempre habilitada para honrar os respectivos pagamentos. Não se limita porém a tanto a franqueza, e lealdade que inspirou esta concepção; de motu proprio a Companhia se prestou a patentear todo o movimento d'essas transacções sugeitando-as á fiscalisação de um corpo estranho, e a garantir os depositos não só com o seu credito, mas tambem com penhores seguros, fornecendo constantemente á Caixa Economica valores realisareis, e equivalentes aos fundos que esta houver de receber.

Nem se póde suppor que a Companhia, que se prestou espontaneamente a similhante encargo, e publicidade, possa querer desfazer a sua propria obra, nem que uma reunião de homens, como os que devem compor o conselho fiscal, inteiramente independentes d'ella pelo principio donde derivam a sua misssão, haja de ser menos escrupulosos, do que cumpre aos seus proprios interesses. Existe portanto toda a segurança que é para desejar; e quando o conselho geral de beneficencia tiver sido auctorisado para nomear o conselho fiscal da Caixa Economica, na conformidade do respectivo regulamento, estará completo o concurso de medidas tendentes a firmar o crédito d'este estabelecimento, acrescendo ás garantias já enumeradas, todas aquellas, que deve prestar a publicidade, e uma fiscalisação desinteressada.

A reunião d'estes elementos, a alliança entre as forças necessarias para dar vida aos capitaes depositados, e um novo magisterio, que seja instituido como exclusivo zelador de tão relevantes interesses, é em Portugal a verdadeira solução do problema das Caixas Economicas; e a espantosa affluencia de depositos na importancia de 80:000$000 rs. no curto espaço de seis mezes é a solemne demonstração d'esta verdade. Lisboa 30 de janeiro de 1845. *José Augusto Braamcamp.*

# VARIEDADES.

## COMMEMORAÇÕES.

### A FESTA DA POMBINHA.

4065 Celebra-se annualmente em Ponta Delgada, na segunda feira depois da *Dominica in albis*, com toda a pompa, e solemnidade, em honra do Espirito Sancto, na egreja matriz, uma festa com sermão, Santissimo exposto, vulgarmente denominada da Pombinha.

Em 1673, uma terrivel epidemia devastava a povoação da cidade; e centenares de casas ficavam desabitadas: nos templos, quasi já não havia ministros que sacrificassem a Victima Incruenta.

Os povos recorreram ao Pae das Misericordias. A milagrosa imagem do Sancto Christo da Esperança foi levada em procissão de penitencia pelas ruas: nobres e plebeus descalços, e cobertos de cilicios formavam o sequito, e muitos n'esse mesmo acto, tocados da epidemia caíam para nunca mais se levantarem.

Parecia, que Deus se olvidava de suas misericordias, e só fazia reinar a espada da justiça. Na segunda feira depois da primeira dominga do Espirito Sancto, estando o povo reunido na egreja matriz, a fazer as mais fervorosas preces ao Altissimo, entra pela porta principal do templo uma candida pomba, que voando de lado a lado no Sanctuario, foi depois poisar na capella de S. Roque.

Para logo começou de remittir-se a calamidade: os doentes restabeleceram-se em breve, e foram dadas ao Eterno as mais reverentes acções de graças por tamanho benificio. — A Camara Municipal accordou em fazer-se annualmente commemoração do milagre, celebrando-se missa votiva ao Espirito Sancto, com a maior solemnidade, *obrigando a assistir uma pessoa de cada familia a este acto religioso.*

Pelo tempo á vante foi caindo em desuso, a pratica, mas a piedade, e devoção d'um cavalheiro da illustre familia dos Cymbrons, ficou fazendo por devoção, o que a Camara deixou de ter como obrigação.

E ainda hoje um descendente d'elles, o Sr. Antonio Cymbron Borges, solemnisa com o maior esmero este dia de publico regosijo.

Não é este um facto, que só nos venha por tradicção: lá estão os archivos municipaes, e parochiaes, onde se encontram as provas authenticas, nunca contestadas.

Nós as vimos, e d'isso damos pleno testimunho.

*M. J. Cabral.*

### PRIMAVERA DE UM TRISTE.

Oh! si je n'avais pas eu la poésie pour me plaindre et la religion pour me consoler, que serais-je devenu, ô mon Dieu! *J. Reboul.*

4066 Salve! gentil, brilhante primavera!
Como leda appareces!
Como de flores que teu seio géra
Os prados enriquéces!
Que amenas noites, que suaves dias,
Que encantos, que prazeres,
Que vida, que ternura, que alegrias
Dás a todos os seres!
Cedendo aos aquilões os sues esquivos
Bramindo se desviam;
E da campestre flauta os sons festivos
Teu regresso annunciam!
Risonho quadro off'rece a vinda tua!
Que paz, que liberdade,
Gosam a terra, e os ares! como a lua
Despende a claridade!
Nem já seu rosto escondem vís ciumes
De uma sombra invejosa!..
Todo o esplendor ostenta de seus lumes,
Na alva fronte lustrosa!..
De azul se veste; lucidas estrellas
Bordam seu rico manto,
E o rouxinol já nas olaias bellas
Ergue sonoro canto:
Vendo as margens florir, como sereno
Claro rio serpêa!
O orvalhado chão nu se veste ameno
De rosmaninho, e avêa!
No monte, na planicie, já saltando,
De innocente alegria,

Os mansos cordeirinhos vem saudando
A primavera, o dia!
Alegre abrindo as portas do oriente
A rutilante aurora,
Aos campos vem traser util presente
Que as plantas lhe vigóra!
Perolas esparzindo dadivosa
Que o sol vem marchetar
De oiro e rubis! ¡que linda, que viçosa,
No espaçoso pomar,
De odoriferas flores côr de neve
A verde laranjeira
¡Enfeita os aureos pomos! como leve
Na espinhosa roseira
Pousa subtil, voluvel borboleta!
E o zefiro inconstante
Na rosa, no jasmim, ou na violeta
Imprime um beijo amante....
Lá deixa as finas perfumadas flores
E ás mais agrestes voa....
Eis volta arrependido!... os seus amores
Jámais a fé coroa!....
Não assim vos succede alvos pombinhos!
Que venturoso par!
Da fé modelo sois! como os seus ninhos
Unidos vão formar!
Trajando galas da maior grandesa
A terra te sauda
Primavera feliz! a naturesa
O pranto em riso muda!
Sómente egual ao funebre cypreste
Companheiro da morte,
Qual me deixaste, achar-me inda podéste,
Nem vens mudar-me a sorte!

Assim triste contemplando
Os encantos, a ternura,
Que a terra estão animando;
As vistas, com amargura
Demorei no espaço undoso,
Do manso Tejo formoso!

E consternada disia:
»Inda ha pouco enfurecido,
O' Tejo amigo, eu te via
De temporaes combatido:
Hoje gosas venturoso
A paz no leito arenoso!«

»Só d'est'alma a dor se augmenta:
»Dor sem ais, sem esperança:
»Resisto a voraz tormenta
»Mas tormenta sem bonança.»
N'isto um som harmonioso,
Me atrae: mas quão doloroso.....

Era um pobre pescador
Que o batel tinha amarrado:
Solitario trovador
Em uma pedra sentado....
Olhando o mar cuidadoso,
Taes versos cantou saudoso:

»Como esta vaga se ergueu
»Se ergueu a minha anciedade:
»Como esta vaga morreu
»Morresse a minha saudade:
»A morte é termo ditoso
»De um mal acerbo, e teimoso:

O pranto a voz lhe cortou....
Levantou-se de repente
E da praia se ausentou;
Eu triste guardei na mente
Do trovador dosditoso
O conceito proveitoso!

Suave paz aguarda minhas penas
Na fria sepultura!
E emquanto, ó Deus, a vida me condemnas
A's trevas, á amargura!

Teus decretos divinos adorando
Cantando em teu louvor,
A lyra que me déste irá buscando
A luz em tanto horror.

D. *Antonia Gertrudes Pusich*,

---

**O TUMULO DE UMA ROLA: CANÇÃO Á PRIMAVERA.**

4067 Tu volves, ó primavera,
Com teus dons encantadores,
Ataviada de flores,
Myrtos, pampanos, e hera,
Toda galas, riso, amores.

Em teu regaço, hymeneu,
Fervoroso, doidejante,
Rósea chamma crepitante
Sacode do facho seu,
E sorrí de triumphante.

Saúda-te o rouxinol,
Com seu cantar namorado;
Nas florestas, bando alado,
Ao assomar do teu sol,
Trina cantico alternado.

Saúdam-te os meus pombinhos,
Com requebros maviosos,
Celebrando jubilosos,
Nos castos mórbidos ninhos,
Seus enlaces amorosos.

¡Gelado sôpro da morte,
Mais um hymno te roubou;
A minha rôla prostrou,
Qual avêna, que Euro forte
Ao pastor arrebatou!

¡E era gentil a preceito!
Tinha os olhos de rubim,
Plumagem como setim,
Talhe esbelto, largo peito,
Os pés tinctos de carmim.

Velei por noites de inverno,
N'uma quadra amargurada;
Ao romper da madrugada,
Sempre o seu gemido terno
Me trazia hora doirada.

Das pombas c'os pequeninos,
Se a deixavam libertar-se,
Folgava de associar-se;
De seus contrarios ladinos,
Prestes sabia esquivar-se.

¡Mas carnivoro cazeiro,
Que esquecida porta entrou,
Em má hora a deparou;
No alcance lhe foi certeiro,
A innocentinha empolgou!

« ¡Quem acode á pobresinha! «
Tenro menino bradava,
« Quando eu agora passava,
« Feroz gato de lá vinha,
« E entre os dentes a levava! »

O adêjo, que alto batia,
D'esta vez não a salvou.....!
Mão amiga, que a tomou
Entre as vascas da agonia,
No meu leito a reclinou....!

¡Quando a vi cadaver frio,
Senti subita afflição!
No tranzido coração
O pranto se retraíu,
Que os olhos já o não dão.

Beijei-lhe o collo ferido:
Amortalhei-a em cabaia;
N'uma caixinha de faia
Puz o despojo querido,
Coberto de flor de olaia.

Entre os que amára extremosa,
Extremosa a sepultei:
Sobre o asylo que lhe dei,
Com os filhos puz a esposa
De um pombinho que eu creei.

¡Tu volves, ó primavera,
Trazes, estação de amores,
Apoz ti, do estio ardores,
Do outono a fronte sevéra,
Logo do inverno os rigores!

*Maria J. S. C.*

---

**PRIMAVERA. — AMOR.**

4068 Rebenta na veiga por entre esmeraldas,
Qual nitido aljofar, a candida flor:
Nos labios de neve volteia-lhe um riso,
Encerra nos seios delicias de *amor*;

Que a briza fagueira lhe trouxe uns arômas
Do meigo suspiro da flor, sua irmã,
Que pende na encosta d'outeiro viçoso,
Rainha dos valles, co'a fronte louçã.

Borbulha da rocha nas fendas musgozas
Com brando sussurro, n'um manso ramal,
Arroio, que ferve bordado de espuma,
Que foge em serpentes de vivo cristal;

E leva nos seios occulto misterio,
E vae-se á cascata, que em rijo fragor
Se roja das penhas em frócos de arminho
Golfar-lhe nas aguas seu feudo de *amor*.

Assoma nas orlas do pincaro agudo
A aurora lustroza, de aspecto gentil,
Na coma de prata sorvendo as estrellas,
Os toldos fendendo da nevoa de anil.

Mas tinge-lhe a face, que orvalhos rociam,
Qual nuvem de nacar, do pejo o rubor,
Que o sol abrazado n'um beijo de raios
Allí lhe gravára segredos de *amor*.

---

Primavera, primavera,
Como a vida assim derramas,
Como vertes de teus cofres
Desse fogo as sanctas chammas,
Como bafejas encantos,
Nos peitos, que tu inflammas!

Tocaste co'o dedo eburneo
Essa madeixa nevada,
Com que o inverno toucára
A natureza murchada;
E desfez-se o gelo em prantos,
Quaes de virgem namorada.

No sopro da leve aragem
Casaste a singella roza
Com a roza pudibunda,
Que perdia a côr mimoza,
Por que só, desconfortada,
Vivia triste e queixoza.

Conduziste as aguas puras
Da fontinha gotejante
A's aguas que ciciavam,
Na cascata palpitante
E as aguas se confundiram
Em doce abraço de amante.

Vestiste roupas de galla
A' meiga aurora dos ceos,
E rendeste o sol ufano
Ao podêr dos olhos seus,
E os casaste e os escondeste
D'ouro puro em tenues véos.

Primavera, primavera,
Como a vida assim derramas,
Como vertes de teus cofres
D'esse fogo as sanctas chammas,
Como bafejas encantos
Nos peitos que tu inflammas!

Primavera, primavera,
Tu á flor uniste a flôr,
A's aguas uniste as aguas.
Uniste a aurora ao fulgor
. . . . . .
. . . . . .
Oh! tambem eu..... primavera.....
Tambem me déste um *amor*.

*Pereira da Cunha.*

---

**O MEU SEGREDO DE PRIMAVERA.**

*(Improviso.)*

Accourez avec moi, vous, peintres, vous poetes,
Palés reclame ici vos luths et vos palettes.
Savans, abandonez, vos asiles secrets,
Vous, belles, vos re uits; et vous, grands, vos palais,
Venez tous avec moi sur ces monts de verdure,
Rendre hommage au printemps et bénir la nature.

*Lemierre — Les Fastes — ch. V.*

4069 Desceu dos astros á terra
A ser rainha das flores
A que, em throno augusto d'alma,
Era rainha de amores.

Vem, ó anjo, vem, ó nympha,
Vem, ó Deusa, ó Primavera,
Que não sejas tu só minha!....
Melhor imperio te déra!

Déra-te emvez dos teus raios
Os olhos da que eu adoro;
Déra-te emvez dos teus risos
Risos que a muitos dão choro.

Pelas verdes esmeraldas,
E os rubis dos campos teus,
Pelos diamantes do orvalho
Que Deus te manda dos ceus,

Déra-te eu custosa offerta
De maior estimação;
Déra-te joia mais rara —
Déra-te o seu coração.

Não ha mais grato perfume
Nem mais brilho e suavidade
Nas flores com que te enfeitas,
De que tens tanta vaidade.

Se és das graças templo ameno,
Se és pyra de nobre chama,
Ella é mais que pyra ou templo,
E' quem as almas inflama.

Nasces, reinas, mas do reino
Em breve foges vencida:
Ella não: são seu imperio
Duas vidas n'uma vida!....

Vem, abriga-te em meu peito;
Vem, ó Deusa, ó Primavera;
Tem amor aqui seu throno;
Vem, oh! vem: com elle impéra.

*Santo André 24 de março de 1845.*

*Mendes Leal Junior.*

---

**A PRIMAVERA NO MAR.**

*Nota.* A presente lyrica é traduzida do dinamarquez de Paulo Mœller que a deu, sob o titulo de *Glaede over Danmark* (Delicias da Dinamarca). O traductor intende que no ir offerecendo aos estudiosos boas amostras de uma poesia do extremo norte, muito formosa, muito original, e entre nós totalmente desconhecida, algum serviço faz, ao qual um dia se dará louvor;

Non auditurò cineri.....

Contra criticarias de critiqueiros por curiosidade ou por fadario, o futuro, a sua consciencia, o voto e o apreço dos sisudos, lhe bastam e sobram. Os saturnaes da critica não hão-de durar sempre, nem hão-de durar muito....

---

4070 Já sem duvida florescem
Nos daneos jardins as rosas;
Já d'abelhas fervorosas
Surge o enchame ao novo sol;
Nos vestidos arvoredos
Já seus amantes segredos
Canta experto rouxinol:

Co' o seu poldro a égoa ufana
Volve a pisar o enflorado
Pasto espesso, que ensinado
Já lhe fôra por seus paes;
Do zagal as mãos afoitas
Catam nas sarças das moitas
Seus dulcissimos coraes.

Cá, nas brenhas movediças
D'estes mares rugidores,
Não ha canticos, nem flores,
Não ha perfumes no ar;
Só em róda do navio
Se ouve o bando inerte e frio
Das balêas resfolgar.

Mudos passaros revoam
Sobre o tumido elemento,
Em procura do alimento
Que aos mergulhos vão colher.
Eis as scenas deleitosas
Que entre as ondas revoltosas
Géra a quadra do prazer!

Vós, que estaes em nossa Dania,
Pensareis, fieis amigos,
No viajante, que entre pr'igos
Longa ausencia anda a carpir,
Sonha patria e flores bellas,
E desperta aos sons das vellas,
Do bravo sul ao rugir!

Onde quer que a prôa incerta
Nos condusa errante acaso,
Quer na aurora, quer no occaso,
Sempre é *Sund* aos olhos meus!
Dania vejo em quaesquer praias!
Qualquer bosque é suas faias,
A quem digo um longo adeus!

Chego ás vinhas de Constancia;
Quadro ameno a dôr me brota;
Da alameda de Carlota
Cuido as sombras divisar!
Sempre a doce patria minha!...
Sempre os socios que eu lá tinha!...
Sempre... e sempre os céus e o mar!...

Patria! oh patria! quanto é duro,
Eu, que vivo a susprar-te,
Ouvir barbara chamar-te
Por mais barbaras nações!
E por nescios falladores
Ver trocados teus louvores
Em motejos e baldões!

Os chatins da vil Manilha,
Indios meio, e meio hispanos,
Féros Jáos, com o oiro ufanos;
Té o aquatico hollandez,
Te chamam pobre e mesquinha!
Ah! na pobre patria minha
Quem me já déra outra vez!

Em seu rico manto involto
O oriental a gosos dado
Entre os léques reclinado
Em vão procura frescor;
Com seu café se regala,
E o cachimbo emtorno exhala
Seu narcotico vapor:

Mas seus passaros são mudos,
São sem cheiro as suas flores,
Sem amor são seus amores,
Seus prazeres sem prazer:
São imagens de delicias,
Arremedos de caricias,
Falsas cópias do viver.

¿Pódes tu, pobre ricaço,
Comprar, com o oiro em que brilhas,
Um amor como o das filhas
Do meu saudoso paiz?
¿Uma aragem fresca e branda,
Como o vasto mar lh'as manda,
Tão cheirosas? tão subtís?

Um arvoredo aprazivel,
Como é de Tula a floresta?
Um prado para uma sésta
Dormida no trêvo em flor?
Bens da minha Dinamarca,
Os thesoiros de um Monarcha
Juncto a vós não têem valor.

Lá, conhece-se a ventura
No aldeão mais indigente:
Tem um rosto intelligente,
Tem um braço varonil,
Transbordam-lhe o tarro, e a eira;
Se abanna a sua maceira,
Chovem-lhe os fructos aos mil.

A sua vacca ociosa
Pasce enterrada nas hervas.
Terra feliz, tu conservas
Toda a bençam do teu Deus!
Se o teu pão cria valentes,
Que o digam da Europa as gentes
Aos pés dos normandos teus.

O sultão, entre columnas,
Sobre cochins d'escarlata,
Oiça do eunuco a volata,
Veja seios nus pular,
Não se move; inerte, e frio
E' qual idolo vasio
Entre aromas sobre altar.

Sob as faias verdiclaras,
Espreitado só da lua,
Passeia co'a noiva sua
O amante dinamarquez;
O cisne lhe argenta o lago,
Rouxinol occulto e vago
Quebra da noite a mudez.

Se a isto chamaes pobreza,
Homens pavões lá da aurora,
Chamae-lhe pobreza embora!
Amo a pobreza feliz,
Oh! pão negro! oh! primavera!
Oh! Dania, quem me lá déra.
Oh! meu pequeno paiz!

## NOTICIAS.

### SEMANA SANCTA.

4071 Foram mui edifficantes, e esplendidas as festividades d'esta Sancta semana nas egrejas d'esta capital. Sobre tudo no magestoso e monumental templo de Belem, a que assistiu a Familia Real, a côrte, e o Nuncio de Sua Santidade; no convento das Francezinhas, onde por obsequio tocaram e cantaram alguns socios da academia

philarmonica; na parochial de Sancta Justa; no conventinho das trinas do Rato; na parochial da Magdalena; na de Sancta Isabel, e em outras mais que de certo deveram (se o soubessemos) entrar no numero d'estas que mais realçaram.

Fizeram a procissão do enterro do Salvador, as irmandades de Belém, do convento das Franceziuhas, da freguezia de Sancta Isabel, da de Nossa Senhora das Mercês, e da de Sancto Estevam de Alfama.

A visitação e assistencia publica foi numerosissima, e com a maior devoção e respeito que se podia desejar. Apenas no Sacramento houve, na quinta feira, alguns tumultos á porta, por causa da má direcção que se tinha dado para a entrada e saida do povo; e na Sé, tambem no mesmo dia, alguns moços levianos e vadios, ousaram lançar fogo com phosphoros aos lenços da cabeça das mulheres, de que resultou serem presos, e haver na egreja grande susto e escandalo.

Cumpria dizer alguma coisa sobre a prédica d'estes dias; mas é assumpto este cada vez mais melindroso e urgente, sobre que tencionamos fallar mais de pausa. Por hoje cumpre-nos dizer que, o sermão de lagrimas, prégado na nobilissima parochial de Sanctos (onde todas estas solemnidades se fizeram tambem com muita decencia) pelo reverendo padre José da Rocha Martins Furtado, póde ser havido como exemplar muito para seguir, e digno de ser contado entre os classicos que temos d'este genero, não só pela sua unção evangelica, e ingenuamente funebre, mas pela propriedade, correcção, e nacionalidade da linguagem. Entretanto (que vergonha não é havêl-o presenceado, e ainda mais ter de o escrever!...) o auditorio não o intendeu... não fez effeito nenhum!...

Que prégadores, e que auditorios estes dos nossos tempos, havidos por illustrados! *T.*

## NECROLOGIO MILITAR.

*Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda.*

« Cada pagina d'estas — diziamos nós a 11 de julho do anno passado, encetando a publicação da VIAGEM DE DUAS MIL LEGUAS pelo Sr. Lagrange, — cada pagina d'estas, que da sua mão iremos passando para as dos nossos leitores, é escripta com pulso desfallecido, a quem só a boa vontade suppre forças, e interrompida por dores e quebrantamentos de periodo a periodo e quasi de linha a linha. »

E assim era.

Uma enfermidade incuravel, urgente, e que todos, afóra elle, conheciamos, o trabalhava já então. Estremeciamos recebendo-lhe cada folha como parcella do testamento do seu espirito, unico testamento que fez, unico tambem que tinha que fazer. Caindo e levantando-se, desfallecendo e ressurgindo ainda ao fim da *Viagem* o vimos chegar; mas para a *torna-viagem* que nos tinha promettido, já a morte lhe não deu licença. Assim que deplorando a falta de um amigo, temos egualmente para sentir o aborto de uma obra que já se não acabará, pois que da maior e melhor parte d'ella, só ficaram apontamentos diminutos e enredados, e as remeniscencias, com que se haviam de desenvolver, dissiparam-se. E não pára n'isto a perda litteraria. Toda a Viagem de ida e volta do Sr. Lagrange era apenas introducção para uma obra, que já trazia riscada (¡tanto era o seu contar com a vida!) sobre a India Portugueza, em dois volumes, dos quaes nós vimos a traça com a divisão das materias: — 1.° volume, — origens, historia e estado ao presente das nossas possessões na Asia: — 2.° como se lhes poderia ainda accudir, segural-as, felicital-as, e tirar d'ellas para a patria o maior proveitto.

De quem tanto concebêra e tão bem mostrou que de suas promessas se podia desempenhar não será muito — que nós, acostumados a enfeixar e até a rabuscar as glorias da nossa terra, façamos hoje publica memoria, a qual tambem não será mais que apontamentos e reminiscencias da sua perigrinação — trabalhosa perigrinação — n'este mundo de incertesas.

—

4072 Nasceu o Sr. Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda na villa de Setubal, aos 25 de novembro de 1803: sendo seu pae o Sr. Clemente José Monteiro de Barbuda, empregado publico, sugeito de meã fortuna, sangue honrado e boa fama. Orpham na edade de 8 annos, passou para as mãos de um tio, que o destinou para a egreja. Começou os necessarios estudos preparatorios, dando n'elles mostras de talento não vulgar: sentiu porém no crescer dos annos, que não era aquella a sua vocação; quando em 1821 foi chamada ás armas a mocidade portugueza, assentou praça no regimento d'infanteria n.° 7, sem renunciar o tracto das lettras, já então, suas delicias, e ás quaes nunca deixou de consagrar todos os seus ocios. Matriculou-se depois na Academia de Marinha, em que foi premiado no primeiro anno, e continuou com o curso de fortificação, artilheria, e desenho: os acontecimentos de 1823 interromperam de novo os seus estudos, por ter de partir para a Ilha da Madeira com o seu regimento, tornando-se notavel o seu comportamento na crise politica d'aquelle anno, por ser o Sr. Lagrange o unico individuo do seu regimento, que não fez a jornada de Villa Francá: tinha jurado manter as instituições liberaes, e repugnava ás suas idéas um passo que outros só deram forçados pelas leis da disciplina! Nos annos de 1826 e 1827, outra vez militou activa e exemplarmente.

Em 1828 teve baixa com absoluta prohibição de voltar ao quartel do corpo. Foi então que deram principio as suas tribulações. Obrigado a grangear o seu pão com o trabalho assiduo de explicador de mathematicas, não póde emigrar como quizera. Os livros e certa grandeza d'animo, que o caracterisava, concorreram para lhe apurar o gôsto das lettras, e fazer-lhe supportar com verdadeira philosophia as contrariedades de que já então era victima.

No dia 24 de julho de 1833, resurgiu e apresentou-se ás auctoridades militares, de quem foi bem acolhido, empregando-se no deposito, que, em S. Bento, se estabeleceu sob o commando do Sr. Brigadeiro

Carretti: poucos dias depois foi despachado official para o corpo d'ingenheiros, cujas habilitações obtivera: e effectivamente empregado como tal na construcção das linhas, das quaes depois fez a descripção, debaixo do titulo de — Memoria Historico-descriptiva das linhas que cobriram Lisboa em 1833, — que veio a ser impressa em Gôa, e pela qual mereceu os louvores do Coronel d'ingenheiros, o Sr. José Feliciano da Silva Costa.

No dia 10 de outubro, pelo levantamento do cerco d'esta capital, foi o Sr. Lagrange, á testa d'um destacamento de sapadores, encarregado de facilitar a passagem de uma columna do exercito constitucional pelos meios ao alcance da arma em que servia: e foi por esta acção, e pela maneira distincta, e valor militar com que então se houve, que mereceu ser condecorado com a insignia do valor, lealdade e merito, sendo muito honroso o diploma em que se lhe conferiu. Marchou com o mesmo exercito, e continuou a servir no cêrco de Santarém, onde desempenhou varias commissões de que foi incumbido, sempre com a mesma distincção e valor, e nomea amente na sortida contra Pernes, e batalha de Almoster, até que em Evora-Monte tudo foi consumado.

Em 1836 e 1837, como militar obediente e conhecedor de seus deveres, obedeceu ás ordens de seus superiores, e serviu com honra uma causa com que as suas convicções porventura não concordavam, sendo n'este ultimo anno promovido ao posto de primeiro tenente pela sua antiguidade: em 1838, depois de jurada a nova Constituição, quando a machina politica principiava a rodar nos seus eixos regulares, collaborou (sob a firma X) no jornal *O Independente*, que defendia as instituições, e o amor á ordem publica; foi levado á urna como candidato do governo no circulo da capital; mas a sua candidatura não vingou. Desejando o governo aproveital-o despachou-o em fevereiro do anno seguinte secretario geral do governo da India, do qual foi na mesma occasião encarregado o Barão do Candal; e por este motivo foi promovido ao posto de capitão, e nomeado cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa. Em agosto do mesmo anno partiram para o seu destino o Barão de Candal, e o seu estado maior, e em 9 de novembro seguinte aportaram em Gôa, onde para o Sr. Lagrange se abriu uma nova carreira em que devia desinvolver o seu talento e actividade, e onde a sua prudencia, e amor á ordem tinham de ser expostas ás mais amargas experiencias. Por duas vezes teve occasião solemne de provar que de feito possuia todas aquellas qualidades e virtudes, e por duas vezes a patria deveu em grande parte ao Sr. Lagrange a manutenção da paz, e o enfreamento da anarchia. Teve a maxima parte nas providencias administrativas do governo do Barão do Candal, e do conselho que pela morte d'este tomou a direcção dos negocios publicos: e por estes serviços foi louvado especialmente em nome de Sua Magestade, por portaria de 2 de outubro de 1840, e agraciado pela mesma Augusta Senhora com a Commenda da Ordem de Christo: comtudo mal interpretadas posteriormente as suas intenções, e menoscabados os seus esforços, o Sr. Lagrange foi accusado de ter concorrido para o levante do batalhão provisorio, apesar de se achar já então impossibilitado de saír de casa por molestia que o tinha obrigado a pedir a sua exoneração ao governo de Sua Magestade. — A impressão moral que similhante accusação produziu no animo do Sr. Lagrange engraveceu desde logo o mal: não querendo porém voltar á patria carregado com uma accusação tal, escreveu com documentos a sua defensa, e requereu um conselho de investigação para se averiguar o seu comportamento. Concluido aquelle conselho, e tendo chegado á India o general Conde das Antas, foi o Sr. Lagrange levado perante o conselho de guerra, aonde plenamente se justificou; provando documentalmente aquillo de que seus amigos nunca duvidaram, isto é, que elle não era revolucionario, e que já mais seria capaz de uma deslealdade, ou de abusar da sua posição para promover a desobediencia ás auctoridades.

Restaurado no credito, mas despojado do emprego, continuou a servir varias commissões de que o referido general o encarregou, e no desempenho das quaes adquiriu mais de uma honorifica amizade: e com o general voltou o Sr. Lagrange a Lisboa aonde chegou em julho do anno de 1843; carregado de serviços, mas esquecido, e malquistado, e apenas lembrado e procurado por aquelles de seus amigos, que mais de perto o conheciam, e que n'elle presavam a probidade, a independencia, os talentos, e a virtude.

Nos intervalos, que os negocios na India lhe deixaram livres, déra á luz umas noções elementares de estatistica, que se acham impressas no jornal — O Encyclopedico de Gôa — que redigiu por algum tempo, e deu ao prélo as instrucções do marquez de Pombal para o governador e arcebispo de Gôa, escriptas no anno de 1774, annotando-as com esclarecimentos de historia, e estatistica, de que tinha amplo conhecimento, e que tornam aquelle impresso mui digno de ler-se. Remetteu tambem á Sociedade Maritima e Colonial, de que era membro, um curiosissimo mappa estatistico d'aquella provincia, fructo de seus assiduos trabalhos, que nos consta em breve verá a luz da publicidade. Pertenceu á Sociedade dos amigos das Lettras, e foi nomeado vogal do jury de premios e exames do Conservatorio Real da Arte Dramatica por decreto do 1.° de setembro de 1838.

Desde a sua tornada ao reino entrou de mez para mez e de semana para semana a sua pobre saude a desconcertar-se cada vez mais. A medicina conheceu logo que não havia alli que fazer. Era o mal um aneurisma no peito; tractou de o palliar, conservando-se o enfermo até ao fim n'um total engano d'alma planejando e saboreando, á falta do presente, uns futuros muito largos e muito formosos. Aos incommodos da doença accresceram, nos ultimos tempos, os da pobresa, tão extrema que até as joias de sua esposa, até alfaias do uso domestico se chegaram a vender.

A 20 d'este mez, pela madrugada, expirou: e no dia seguinte, pelas nove da manhã, foi conduzido com um lusido cortejo de amigos seus, mas sem nenhuma outra especie de fausto, e dentro n'uma pobre sege para a sua ultima jasida, no Alto de S. João.

Alguns dos seus intimos tencionam, á custa de uma subscripção, levantar-lhe um modesto monumento; satisfação triste que sua viuva a ninguem cederia, se hoje tivesse para lhe dar alguma coisa, além de lagrimas.